

CADERNOS 30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

Feminea loquacitas: mulheres e oratória em Valério Máximo e Giovanni Boccaccio

Carol Martins da Rocha¹
Talita Janine Juliani²

Resumo: Apresentamos aqui a tradução de um excerto de Valério Máximo (séc. I EC) e um de Giovanni Boccaccio (1313-1375). Em ambos figura Hortênsia (séc. I AEC), filha do orador Quinto Hortênsio Hórtalo (114-50 AEC). No terceiro capítulo do oitavo livro de *Facta et dicta memorabilia*, Valério Máximo inclui Hortênsia entre os exemplos de mulheres que defenderam causas a seu favor ou a favor de outras pessoas junto a magistrados. Já Boccaccio dedica uma das suas biografias em *De mulieribus claris* (LXXXIV) à oradora. Chama a atenção o modo como o autor renascentista, apesar de herdeiro de uma tradição misógina da Antiguidade e da Idade Média, parece colorir sua Hortênsia de modo mais positivo quando comparado ao retrato de Valério Máximo.

Palavras-chave: oratória; mulheres; Hortênsia; Valério Máximo; Giovanni Boccaccio.

Abstract: We present here a translation of an excerpt from Valerius Maximus (1st century CE) and another from Giovanni Boccaccio (1313-1375). Both texts feature Hortensia (1st century BCE),

1 Docente na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), desenvolve e orienta estudos e projetos centrados, sobretudo, na literatura latina sob a ótica dos estudos de gênero. Nas pesquisas de Mestrado e Doutorado, abordou o teatro de Plauto, com foco em personagens femininas e estudos de gênero sobre a comédia *palliata*.

2 Professora de língua e literatura latinas na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Dedicase ao estudo da obra de Giovanni Boccaccio, especialmente do catálogo *De mulieribus claris*. Interessa-se pela recepção dos textos greco-romanos na Idade Média e Renascimento, pela representação das mulheres em obras destes contextos e pelo gênero da narrativa breve.

daughter of the orator Quintus Hortensius Hortalus (114-50 BCE). In the third chapter of the eighth book of *Facta et dicta memorabilia*, Valerius Maximus includes Hortensia among the examples of women who pleaded before magistrates for themselves or for others. Boccaccio, in turn, dedicates one of his biographies in *De mulieribus claris* (LXXXIV) to her. It is striking how the Renaissance author, despite being heir to a misogynistic tradition from Antiquity and the Middle Ages, seems to paint his Hortensia in a more positive light when compared to Valerius Maximus' portrait.

Keywords: oratory; women; Hortensia; Valerius Maximus; Giovanni Boccaccio.

Introdução

[...] e ele a empurrou contra um muro e tentou agarrar sua língua, gritando que a furaria com uma agulha.
Elena Ferrante. *A amiga genial*³.

Contam antigos historiadores que Fúlvia, esposa de Marco Antônio, teria furado a língua de Cícero, já morto, em retaliação por seus discursos contra o então marido⁴. Muitos séculos depois, o gesto de Fúlvia ecoa nas páginas do romance *A amiga genial*, de Elena Ferrante, quando a personagem Lila, ainda menina, recebe ameaça semelhante por ter constrangido um colega em uma disputa escolar – e, por isso, pública –, tendo se saído melhor do que ele nas respostas às questões.

A inversão da violência proposta pela autora italiana, muito mais representativa do silêncio imputado às mulheres da Roma antiga do que preconiza a alegada atitude de Fúlvia, é uma lembrança de que, no passado ou no presente, o espaço da fala e da oratória vem servindo aos homens. Em *Mulheres e poder: um manifesto*, Mary Beard (2018, p. 29) sublinha que “encontramos, ao longo de toda literatura antiga, repetida ênfase dada à autoridade da profunda voz masculina, em contraste com a feminina”, e que “na maioria das circunstâncias, uma mulher que falasse em público não era, por definição, uma mulher” (BEARD, 2018, p. 29). O caráter “antinatural” daquelas que tomavam a palavra ressoa, assim, na qualificação que receberam em diversos textos antigos, pois, muito frequentemente, por se

3 Citamos a tradução de Maurício Santana Dias (FERRANTE, 2015, p. 45).

4 Cf., por exemplo, Cass. Dio, XLVII 8, 3-5. Na modernidade, tal situação foi retratada por Pavel Aleksandrovich Svedomsky (1849-1904) em seu célebre quadro “Fúlvia com a cabeça de Cícero” (1898). Sobre Fúlvia, cf. Schultz, 2021.

lançarem a uma função tida como masculina, elas são chamadas de “andróginas” (ἀνδρογύνης, no grego, ou *virago*, em latim)⁵.

O presente texto visa divulgar a tradução de dois registros nos quais se leem exemplos de mulheres que ocuparam o posto de oradoras na Antiguidade romana, com especial ênfase à figura de Hortênsia (séc. I AEC), filha do orador Quinto Hortênsio Hórtalo (114-50 AEC). O primeiro deles, o capítulo intitulado *Quae mulieres apud magistratus pro se aut pro aliis causas egerunt*, consta do oitavo livro dos *Facta et dicta memorabilia* de Valério Máximo (séc. I EC)⁶. Deste autor, sabemos muito pouco para além dos fatos históricos relatados em sua própria obra, que foi dedicada ao imperador Tibério (42 AEC – 37 EC). O capítulo aqui traduzido narra as circunstâncias em que três mulheres, Mésia de Sentino, Carfânia e a referida Hortênsia, advogaram causas próprias ou de outrem.⁷ Com significativa autoridade na Idade Média e Renascimento⁸, o texto de Valério Máximo é a principal fonte para o segundo excerto aqui apresentado, a biografia de Hortênsia (LXXXIV) segundo Giovanni Boccaccio (1313-1375) no catálogo *De mulieribus claris* (1355-1360)⁹. Concebido a partir da percepção do autor de que, ao contrário do que ocorrera com os homens, nenhuma obra fora dedicada à memória das mulheres¹⁰, este catálogo é o primeiro compêndio de biografias

5 Cf. Val. Max. 8, 3, 1. Ver também *uirago*: “a woman having the qualities of a man” (*OLD*).

6 A datação da obra (provavelmente entre 27 e 31 EC) e da vida do próprio autor é alvo de discussão. Sobre o assunto, cf. a introdução de Wardle (1998, p. 1-6) e de Briscoe (2019, p. 1-4) às suas edições.

7 Azevedo (2022) tratou do episódio, ressaltando a relação entre a caracterização de Mésia como *androgynem* e a construção patriarcal da sociedade romana.

8 Gian Biagio Conte (1994, p. 381) afirma: “Valério Máximo sobreviveu para se tornar uma das mais célebres autoridades latinas da Idade Média, e para inspirar as numerosas coleções de *exempla* que proliferaram a partir do século XI” [Valerius Maximus survived to become one of the most famous Latin authorities for the Middle Ages and to inspire the numerous collections of *exempla* that proliferate starting in the eleventh century]. Salvo indicação, todas as traduções de textos em língua moderna são nossas. Cf. também Conrau-Lewis (2022) e Casella (1982).

9 Cf. Zaccaria (BRANCA, 1970, p. 536, n. 3): “Em Valério Máximo VIII 3,3 – que é fonte do capítulo – se lê [...]” [In Valerio Massimo, VIII 3,3 – che è fonte del capitolo – si legge:]. Antes de Valério Máximo, a história de Hortênsia foi narrada de maneira mais detalhada por Apiano em *Bella Civilia* (4, 32, 436-34, 146). A versão de Apiano, que inclui o discurso de Hortênsia (32, 137-33, 144), deve ter derivado, segundo Briscoe (2019, p. 111), de Tito Lívio, que teria sido a fonte de Valério Máximo.

10 Diz-nos o autor no Proêmio (3) do *De mulieribus*: “De fato eu me admirei, e muito, que as mulheres tenham tido tão pouca influência junto aos autores dessas obras, ao ponto de não alcançarem qualquer consideração à sua memória em descrição específica alguma” [*Sane miratus sum plurimum adeo modicum apud huiusce viros potuisse mulieres, ut nullam memorie gratiam in speciali aliqua descriptione consecute sint*]. Para o texto latino, cf. Zaccaria (BRANCA, 1970, p. 24), a tradução citamos conforme Juliani (2011, p. 194).

femininas da modernidade, e uma das várias obras de caráter enciclopédico escritas por Boccaccio em latim¹¹.

Como se verá no excerto de Valério Máximo, ainda que possa existir para o autor latino algo de admirável no feito dessas mulheres romanas, em sua visão, isso se deveria somente à adequação e finalidade de seu discurso. Afinal, as figuras descritas pelo historiador expressaram-se dentro das duas únicas possibilidades de pronunciamento público feminino: defender seus interesses enquanto grupo ou declarar-se vítima, sendo que elas, novamente nas palavras de Beard, não podiam “falar pelos homens nem pela comunidade como um todo” (BEARD, 2018, p. 25). Sem surpresa, então, ao mesmo tempo que Valério Máximo inclui as defesas das três mulheres em seu relato, ele não poupará recursos para caracterizá-las de modo bastante negativo, denominando-as com adjetivos como, além do já mencionado “andrógina” (*Androgynem*; 8, 3, 1), “atrevidas” (*impudentia abundabat*; 8, 3, 2), “caluniosas” (*muliebris calumniae notissimum exemplum*; 8, 3, 2) e ainda com o termo “monstro” (*monstrum*; 8, 3, 2).

Essa perspectiva sobre as mulheres e a sua fala, manifesta também no divulgadíssimo *locus* da tagarelice feminina, dissemina-se pelos séculos seguintes, reverberando imagens igualmente depreciativas em textos e autores das eras posteriores. No *Roman de la Rose*¹², obra do medievo cuja segunda parte versa, entre outras coisas, sobre a tópica antimatrimonial, o autor Jean de Meun (c. 1240-1305) dispara:

[...] ele [o homem] tem uma vida muito penosa,
cheia de tormentos e dificuldades,
de contendas e conflitos,
por causa do orgulho de mulheres tolas,

11 Boccaccio também escreveu o *De casibus virorum illustrium* (1355-74?), compêndio sobre a vida e queda de homens famosos; as *Genealogie deorum gentilium* (1350-1375), uma enciclopédia mitológica; e o *De montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus et de nominibus maris liber* (1355-1374?), um inventário dos pontos naturais e geográficos citados na literatura clássica e contemporânea ao autor.

12 O *Roman de la Rose* narra um sonho-visão no qual um amante tenta conquistar a amada de nome Rosa. Texto alegórico e manual amoroso, a obra constitui-se de duas partes atribuídas a autores diversos. A primeira teria sido escrita por Guillaume de Lorris, de quem nada se sabe além de especulações derivadas do próprio *Roman*. A segunda ficou a cargo de Jean de Meun (ou Meung), estudioso e possivelmente um membro do clero. Como se pode imaginar, o texto oscila entre a idealização da mulher e a repetição de tópicos da misoginia. Cf. Liborio (2014, p. vii) e Strubel (1984, p. 5). Ver uma discussão sobre a mulher tagarela no *Roman* e em outros textos em Bloch (1995, p. 23-31).

de desmandos e reprovações
 que fazem e expelem pelas suas bocas,
 e pedidos e lamúrias
 que inventam por inúmeras razões.¹³

(*Roman de la Rose*, vv. 8539-46, tradução nossa)

Embora Giovanni Boccaccio seja herdeiro da tradição misógina da Antiguidade e da Idade Média, e que no *De mulieribus claris* também se leiam muitas visões negativas sobre as mulheres¹⁴, seu texto sobre Hortênsia nos revela um retrato mais lisonjeiro do que aquele de Valério Máximo. Repete-se, por exemplo, a ideia de que a oradora teria tido sucesso somente porque “inspirada” pelo pai (Val. Max. 8, 3, 3; *De mul.* LXXXIV, 2). Chama a atenção, porém, a resposta que Boccaccio parece dar à fonte ao destacar que, por causa de sua habilidade oratória, Hortênsia mereceu receber o nome que a ligava ao progenitor (“O que devo dizer (...) a não ser que ela alcançou com [seu próprio] mérito, o nome de Hortênsia?”; *De mul.* LXXXIV, 4)¹⁵, aspecto digno de lástima para o autor antigo, visto que Valério Máximo reclama da ausência de um filho que carregasse o nome e a fama de Hortênsio (8, 3, 3). Além disso, Boccaccio ressalta a coragem da oradora em assumir, sozinha, a causa das mulheres romanas diante dos triúnviros (*sola ausa*

13 Citamos o texto em francês antigo segundo De Laude e Liborio (LORRIS; MEUN, 2014, p. 406):

[qu'il i a vie trop grevaine,
 pleine de travail et de paine
 et de contenz et de riotes,
 par les orgueuz des fames sotes,
 et de dangiers et de reproches
 qu'el font et dient par leur boches,
 et de requestes et de plaintes
 qu'el treuvent par achesons maintes].

14 Apenas a título de exemplificação, selecionamos a seguinte passagem da biografia de Vênus (*De mul.* VII, 9): “Por fim, visto que parecia ter limpado da impudica face o pouco de rubor [restante] e concedido a si mesma uma licença ainda maior de cometer lascívias, tramando inefáveis torpezas, ela foi a primeira – segundo dizem – a inventar o meretrício público e a fundar prostíbulos, e obrigou as matronas a ali entrarem [...]” [*Postremo autem, ut ab impudica fronte paululum ruboris abstersisse videretur et lasciviendi sibi amplioem concessisse licentiam infanda turpitudine excogitata, prima – ut aiunt – meretricia publica adinvenit et fornices instituit et matronas inire compulit*; cf. Zaccaria (BRANCA, 1970, p. 54), tradução nossa]. Uma tradução integral da biografia de Vênus pode ser encontrada em Juliani (2011).

15 *Quid dicam vidisse [...] nisi eam merito nomen Hortensie consecutam?*

est, LXXXIV, 2) e descreve sua façanha como uma “egrégia tarefa” (*opus egregium*, LXXXIV, 3), distanciando-se do texto de Valério Máximo e construindo uma representação bastante favorável do discurso proferido pela mulher.

Essa significativa mudança na caracterização de Hortênsia em partes se deveria à tendência boccacciana de fazer uma “inversão da perspectiva” de sua fonte¹⁶, o que não raro resulta em eliminar o “caráter misógino e a exemplaridade negativa”¹⁷ que encontrou no texto base. É verdade que esse mecanismo da (re) escrita de Boccaccio frequentemente o aproxima da filoginia em suas obras. No entanto, sabemos que o autor também promoveu uma nova forma de representar as mulheres, a qual, apenas um pouco antes, fora iniciada por Dante Alighieri (1265-1321). Recordando o protagonismo locutório de Beatriz na *Divina Comédia*, Ferrante, agora em seu tratado *As margens e o ditado: sobre o prazer de ler e escrever*, afirma que a personagem “agora falava, e não falava de acordo com os pobres usos mulheris da língua, nem apenas para um breve cumprimento. Beatriz falava como um homem, talvez melhor” (FERRANTE, 2023, p. 123). No encaixe dessa nova forma de representação, Boccaccio vem nos dizer que “o vigor de discursar” (*vigor pronuntiandi*; LXXXIV, 1) de Hortênsia faltou, inúmeras vezes (*sepissime*; LXXXIV, 1), a homens doutíssimos (*in viris doctissimis deficere*; LXXXIV, 1).

Sobre a tradução

De maneira geral, buscamos em nossa tradução apresentar um texto fluido e agradável em português. Quando julgamos necessário, apresentamos discussão sobre escolhas tradutórias em notas de rodapé.

O texto de Valério Máximo vem transcrito segundo a edição de John Briscoe (2019) do livro VIII, publicado pela De Gruyter. Consultamos ainda as traduções de David Roy Shackleton Bailey (VALERIUS MAXIMUS, 2000) para o inglês e a de Santiago López Moreda, Maria Luisa Harto Trujillo e Joaquín Villalba Álvarez (VALERIO MÁXIMO, 2003) para o espanhol. Algumas notas explicativas foram elaboradas a partir dos comentários de John Briscoe (2019) e da comparação entre as diferentes traduções consultadas.

16 [ribaltamento della prospettiva nella quale è scritto il racconto] (PICONE, 1998, p. 408). Cf. também Conte (2013, p. 41).

17 [eliminazione del carattere misogino e dell'esemplarità negativa] (CONTE, 2013, p. 41).

Para a tradução da biografia de Hortênsia escrita por Boccaccio, utilizamos a edição de Vittorio Zaccaria (BRANCA, 1970), décimo volume da coleção *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio* organizada por Vittore Branca, a qual foi preparada a partir do manuscrito autógrafo XC sup. 98¹ da Biblioteca Medicea Laurenziana, de Florença. Neste caso, auxiliaram-nos as versões modernas de Zaccaria para o italiano, a de Virginia Brown para o inglês (BOCCACCIO, 2001) e a de Jean-Yves Boriaud (BOCCACE, 2013) para o francês. As notas foram concebidas com ajuda da edição crítica de Zaccaria, bem como de léxicos de latim clássico e medieval, como por exemplo, o de Niermeyer (1954-76).

Tradução de Valério Máximo, *Facta et dicta memorabilia*, Livro 8, capítulo 3

3. *Quae mulieres apud magistratus pro se aut pro aliis causas egerunt*

3. Mulheres que defenderam causas a seu favor ou a favor de outros junto a magistrados¹⁸

Ne de his quidem feminis tacendum est, quas condicio naturae et uerecundia stolae ut in foro et iudiciis tacerent cohibere non ualuit.

Também¹⁹ não se deve calar sobre aquelas mulheres que nem a condição de sua natureza²⁰ nem a modéstia da veste da matrona²¹ foi capaz de conter, de modo que ficassem caladas no fórum e nos julgamentos.

18 A divisão em capítulos do texto de Valério Máximo, que está incluída na sua *editio princeps* (c. 1470), segue a divisão dos *capitula librorum*, que, nos manuscritos, precedem o texto e são repetidas no início de cada capítulo. É certo que não são de autoria de Valério Máximo (cf. BRISCOE, 2019, p. 28).

19 No capítulo precedente, Valério Máximo tratou de julgamentos privados considerados memoráveis.

20 Chama a atenção a presença da ideia de que as mulheres teriam uma natureza específica (aqui referida por *condicio naturae*). Como sabemos, o binômio natureza (ou biologia) *vs.* cultura é uma das bases sobre as quais a discussão moderna sobre gênero se estabelece (pelo menos desde a proposição de um sistema sexo/gênero por Gayle Rubin em 1975 (cf. RUBIN, 2017)). É preciso, contudo, como alerta Brooke Holmes (2012, p. 11), sermos cuidadosas ao aplicar essa oposição, tão paradigmática em nossos tempos, como “uma ferramenta para organizar as evidências antigas” [a tool for organising the ancient evidence] sobre identidade de gênero. Shackleton Bailey (VALERIUS MAXIMUS, 2000, p. 211) traduz a expressão *condicio naturae* por “natural condition”. Já Moreda, Trujillo e Álvarez (VALERIO MÁXIMO, 2003b, p. 77) adotam “la condición de su sexo”.

21 *Stola, ae*: a referência aqui é ao vestido próprio das damas romanas de distinção.

1. *Maesia Sentinas rea causam suam, L. Titio praetore iudicium cogente, maximo populi concursu egit, motusque omnes ac numeros defensionis non solum diligenter sed etiam fortiter exsecuta, et prima actione et paene cunctis sententiis liberata est. quam, quia sub specie feminae uirilem animum gerebat, Androgynem appellabant.*

1. A ré,²² Méssia de Sentino²³, enquanto o pretor Lúcio Títio²⁴ presidia o julgamento, advogou em causa própria, com a maior reunião de pessoas. Ela levou a cabo todos os movimentos²⁵ e etapas²⁶ da defesa não apenas de maneira diligente, mas também de forma corajosa. E, no primeiro discurso, foi absolvida por quase todos os votos. Essa mulher, porque sob a forma feminina mantinha um espírito masculino, chamavam-na Andrógina.²⁷

22 Segundo Briscoe (2019, p. 108), não há outras fontes para o episódio mencionado por Valério Máximo nesta passagem. O evento provavelmente teria ocorrido em época bastante recente em relação à escrita do autor dos *Facta*. O comentador ainda ressalta que a linguagem aqui empregada indicaria que o referido julgamento de Méssia de Sentino se deu diante de uma *quaestio perpetua* (ou seja, uma corte criminal específica para determinadas ofensas, cujo primeiro registro de ação data de 149 AEC, e que teria sido suspensa no início da Guerra Social, por volta de 90 AEC).

23 Sentino é uma cidade na Úmbria, atualmente denominada Sassoferrato.

24 Conforme Briscoe (2019, p. 109), com exceção de um tribuno de 462 AEC (cuja identidade não pôde ser determinada), todos os outros Títio conhecidos viveram no século I AEC. O estudioso aponta ainda a sugestão de Münzer, em *Römische Adelsparteien und Adelfamilien* (1920), de que este Títio seria o pai de M. Títio L. F., cônsul *suffectus* em 31, e de que ele, ou G. Títio Rufo, pretor em 50, é a pessoa mencionada por Plínio (*HN*. 31.11).

25 *Motusque*: preferimos adotar a forma *motusque* eleita por Briscoe (2019, p. 39) entre as diferentes opções transmitidas. O comentador, no entanto, afirma conceder que *modosque*, outra lição transmitida, é *fort. recte* (ou seja, “provavelmente correto”). Isso porque *modus* é um termo comum na retórica desde Cícero (nesse contexto, pode, segundo o *OLD*, ser uma tradução do grego τροπος, “a parte do discurso que lida com o modo”). Já *motus* não é registrado em contexto retórico antes de Quintiliano (*inst.* 8.5.35 e 9.1.2). Dada a polissemia do termo *motus* (cf. *OLD*), preferimos adotar aqui a tradução “movimento”, que em português pode, por exemplo, fazer referência não só aos movimentos físicos, mas também a cada uma das seções independentes de uma composição. Shackleton Bailey (VALERIUS MAXIMUS, 2000, p. 211), que segue a lição *modosque*, adota a tradução “forms”, enquanto Moreda, Trujillo e Álvarez (VALERIO MÁXIMO, 2003b, p. 77), que na introdução ao primeiro volume dos *Facta* (VALERIO MÁXIMO, 2003a) indicam seguir a edição de Rino Faranda (*Detti e fatti Memorabili di Valerio Massimo* datada de 1971), mas não imprimem o texto latino adotado, optam por “puntos”.

26 Indica-se na acepção 12 do vocábulo *numerus* no *OLD* que o termo, sobretudo no plural e adjetivado por *omnes*, descreve “as partes sucessivas que seguem para formar um todo (e.g. elementos ou aspectos de uma coisa, estágios num processo, pontos em um discurso)” [the successive parts that go to form a whole (e.g. features or aspects of a thing, stages in a process, points in a discourse)].

27 Segundo Briscoe (2019, p. 109), o nome deve ter sido inventado como uma transliteração do termo grego Ανδρογύνης (ou Ανδρογύνη).

2. *Carfania uero, Licini Buccionis senatoris uxor, prompta ad lites contrahendas, pro se semper apud praetorem uerba fecit, non quod aduocatis deficiebatur, sed quod impudentia abundabat. itaque inusitatis foro latratibus adsidue tribunalia exercendo muliebris calumniae notissimum exemplum euasit, adeo ut pro crimine improbis feminarum moribus Carfaniae nomen obiciatur. Prorogauit autem spiritum suum ad C. Caesarem iterum <P.> Seruilium consules: tale enim monstrum magis quo tempore exstinctum quam quo sit ortum memoriae tradendum est.*

2. Também Carfânia,²⁸ esposa do senador Licínio Bucão²⁹, pronta a iniciar processos, sempre tomou a palavra em seu favor diante do pretor, não porque lhe faltassem advogados, mas porque lhe sobrasse atrevimento. Assim, com latidos³⁰ inusitados para o fórum, atormentando incessantemente os tribunais, tornou-se um exemplo conhecidíssimo de litigância³¹ feminina a tal ponto que o nome Carfânia passou a ser usado para se referir à acusação dos costumes atrevidos das mulheres. No entanto, ela prolongou sua própria vida até o segundo consulado de Gaio César e <P.> Servílio.³² Deve-se antes transmitir

28 Diferentes lições são transmitidas pelos manuscritos. α e P (numa correção posterior) trazem *C. Afrania* (que parece ser a lição adotada por Moreda, Trujillo e Álvarez (VALERIO MÁXIMO, 2003b, p. 77), já que imprimem a tradução “Gaya Afrania”). Segundo Briscoe (2019, p. 110), no entanto, “*C. Afrania* não pode ser um nome feminino” [*C. Afrania* is not a possible female name]. Dessa maneira, alguns editores preferem a forma apresentada por Ulpiano (*Dig.* 3.1.1.5) – única outra menção a Carfânia (BRISCOE, 2019, p. 110), que pode ter se baseado em Valério Máximo. Ainda segundo Briscoe (2019, p. 110), dada a morte de Carfânia em 48 AEC, Valério Máximo, assim como no caso de Mésia de Sentino, possivelmente também não teria dependido de uma fonte escrita para tratar deste episódio. Segundo Ulpiano, as atividades de Carfânia teriam levado a um édito pretoriano que impedia as mulheres de se candidatarem a defender terceiros.

29 *Licini Buccionis*: não há outra menção a essa personagem, com exceção de sua relação com Carfânia. Enquanto os manuscritos A, L e G (datados entre c. 830 e 1050 EC) registram *Buccionis*, o epitome de Júlio Paris (P, armazenado na Biblioteca Apostolica Vaticana Lat. 4929, datado de c. 850 EC) transmite *Bucconis*. Embora ambos os cognomes sejam registrados em outros *loci* e possam estar certos, vale mencionar que *bucco* alude a uma pessoa (excessivamente) falante ou estúpida (cf. *TbLL*). Briscoe (2019, p. 110) reporta o questionamento de Münzer (1920) sobre se, aceitando-se *Bucconis* como a grafia correta, esse *cognomen* não teria se originado como uma forma de ofensa ao marido de Carfânia por causa das atividades da esposa.

30 *Latratibus*: segundo Briscoe (2019, p. 110), este é o único registro anterior à Antiguidade tardia do uso do termo *latratus* caracterizando uma pessoa. Vale lembrar, contudo, que a associação entre mulheres e cães não era incomum nos textos da Antiguidade greco-romana. Sobre a presença do recurso e seus efeitos na comédia plautina, por exemplo, cf. Rocha, 2024.

31 Segundo Briscoe (2019, p. 111), o termo *calumniae* aqui tem sentido de “uso inapropriado da lei” [improper use of the law]. Shackleton Bailey (VALERIUS MAXIMUS, 2000, p. 211) o traduz por “litigiousness”, enquanto Moreda, Trujillo e Álvarez (VALERIO MÁXIMO, 2003b, p. 77) optam por “maquinación”.

32 Ou seja, o ano de 48 AEC. César obteve o primeiro consulado em 59 AEC. Públio Servílio Isáurico foi pretor em 54 AEC e governador da Ásia entre 46 e 44 AEC.

à memória em que tempo tal monstro foi extinto do que qual é sua origem.

3. *Hortensia uero Q. Hortensi filia, cum ordo matronarum graui tributo a triumuiris esset oneratus nec quisquam uirorum patrociniū eis accommodare auderet, causam feminarum apud triumuiros et constanter et feliciter egit: repraesentata enim patris facundia impetrauit ut maior pars imperatae pecuniae iis remitteretur. reuixit tum muliebri stirpe Q. Hortensius uerbisque filiae aspirauit, cuius si uirilis sexus posteri uim sequi uoluissent, Hortensianae eloquentiae tanta hereditas una feminae actione abscisa non esset.*

3. Também Hortênsia, filha de Quinto Hortênsio, tendo sido a ordem das matronas onerada com um pesado tributo pelos triúnviros e não tendo nenhum dos homens ousado intervir em defesa delas, advogou não só de forma firme, mas também habilidosa pela causa das mulheres junto aos triúnviros. Manifesta a eloquência do pai, ela conseguiu que a maior parte do dinheiro demandado lhes fosse devolvida. Quinto Hortênsio, então, reviveu em sangue feminino e inspirou a filha com palavras³³. Se seus descendentes do sexo masculino tivessem desejado segui-lo com ímpeto, tamanha herança da eloquência hortensiana não teria sido interrompida com esse único discurso de uma mulher.

33 Para este sentido de *aspiro*, cf. sentido b da entrada 7 do verbete referente ao termo no *OLD*, que menciona precisamente esta passagem.

Tradução de Giovanni Boccaccio, *De mulieribus claris* LXXXIV

De Hortensia Quinti Hortensii filia

Sobre Hortênsia, filha de Quinto Hortênsio

1. *Hortensia Quinti Hortensii egregii oratoris filia dignis extollenda laudibus est, cum non solum Hortensii patris facundiam vivaci peccatore amplexa sit, sed eum etiam pronuntiandi vigorem servaverit quem oportunitas exquisivit, et qui sepiissime in viris doctissimis deficere consuevit.*
1. Hortênsia³⁴, filha do egrégio orador Quinto Hortênsio³⁵, deve ser enaltecida com insígnies elogios, não só porque abraçou a eloquência do pai Hortênsio com toda a força, mas também porque teria preservado [aquele] vigor de discursar que exigia a ocasião³⁶; o que, muito frequentemente, costumava³⁷ faltar [mesmo] a homens doutíssimos.
2. *Hec autem triumvirorum tempore, cum matronarum multitudo, exigente reipublice necessitate, intolerabili fere onere pecunie exsolvente gravata videretur, nec hominum inveniretur aliquis qui in rem tam incongruam prestare patrociniū auderet, sola ausa est cons-*
2. No tempo dos triúnviros, porque um grande grupo de matronas parecia oprimido pelo pagamento de um imposto³⁸ quase insuportável (em razão de uma imperiosa necessidade da República), e visto que não houvesse ninguém dentre os homens que

34 Hortênsia não aparece em nenhuma outra obra de Boccaccio, segundo Zaccaria (BRANCA, 1970, p. 536).

35 Quinto Hortênsio Hórtalo, cônsul em 69 AEC, é mencionado em outra biografia de Boccaccio. Trata-se da biografia que dedica ao amigo, e também rival, de Hortênsio, Marco Túlio Cícero (106-43 AEC), no *De casibus virorum illustrium* (VI, XII, 10): “porém, com longa e vigilante dedicação alcançou tão grande e admirável eloquência que ultrapassou Plótio Galo, o primeiro a apresentar a retórica em latim para Roma; Voltacílio Ploto e um dos Gracos; bem como Hortênsio, junto de outros elegantíssimos oradores gregos e antigos, e [assim] ocupou a antiga glória desses.” [*longo tamen et pervigili studio in tantam mirande eloquentie evasit facundiam ut Plotium Gallum, qui primus Urbi rethoricam latine monstravit, et Vultacilium Plotum et alterum ex Graccis atque Hortensium aliosque elegantissimos oratores grecosque veteres anteiret et antiquam eorum gloriam occuparet*; cf. Ricci; Zaccaria (BRANCA, 1983, p. 538), tradução nossa].

36 Transportamos o perfeito latino *exquisivit* para uma forma no imperfeito por considerar a construção mais fluida em português. Boriaud (BOCCACE, 2013, p. 149), por exemplo, traduz o perfeito ativo com um participípio, privilegiando a passividade: “[...] mais avoir gardé dans le discours cette vigueur exigée par la situation”.

37 A mesma estratégia foi aqui aplicada, ou seja, traduzimos o perfeito *consuevit* por “costumava”, no pretérito imperfeito.

38 Cf. *onus* no *OLD* (5b): “a burden of taxation, expenditure, or similar”; e em Niermeyer (1954-76): “a due” (sentido 2).

tanti animo coram triumviris rem feminarum assummere eamque perorando tam efficaciter inexhausta facundia agere, ut maxima audientium admiratione mutato sexu redivivus Hortensius crederetur.

ousasse oferecer-lhes apoio contra algo tão inadequado, somente ela ousou assumir com firmeza a causa das mulheres diante dos magistrados³⁹; bem como a defendê-la, discursando com tanta eloquência, e de maneira tão eficaz, que, com máxima admiração dos que assistiam, Hortênsio foi novamente tido como vivo, [apenas] mudado o sexo⁴⁰.

3. Nec infeliciter opus tam egregium a femina sumptum aut executum est; nam, uti nulla in parte fracta oratione aut laudabili sui iuris demonstratione defecerat, sic nec exoptato aliquid a triumviris diminutum est, quin imo concessum libere ut longe amplior pars iniuncte pecunie demeretur, arbitrati quantum sub matronali stola in publicum taciturnitas laudanda videatur, tantum, oportunitate exigente, ornatu suo decora sit extollenda loquacitas. Quo tandem facto, non absque maximo Hortensie fulgore, reliquum, quod minimum erat, a matronis facile exactum est.

3. Tão egrégia tarefa não foi empreendida ou executada⁴¹ sem sucesso pela mulher; pois, como não titubeara em nenhuma parte de seu discurso ou de sua louvável demonstração jurídica⁴², em nada seu pedido foi subtraído pelos triúmviros; mas, ao contrário, concordaram que uma parte muito maior do imposto aplicado fosse anulada⁴³; tendo eles julgado que, assim como o silêncio sob as vestes da matrona parece louvável⁴⁴ em público, também a eloquência, bela por sua ornamentação, deve ser enaltecida, exigindo a ocasião⁴⁵. Em razão disso, o restante do

39 Dada a recorrência de formas do termo *triumvir* neste trecho no texto boccacciano, optou-se aqui pela tradução “magistrados” para melhor fluidez.

40 Boccaccio recupera aqui a passagem *reuxit tum muliebri stirpe Q. Hortensius uerbisque filiae aspiravit* de Valério Máximo (8, 3, 9-10).

41 Cf. Zaccaria (BRANCA, 1970, p. 536, n. 1) sobre o uso do perfeito depoente com sentido passivo: “Credo consaevole l’uso della forma deponente (ché è in Aut. Lau.): cfr. XXIII 16 (malefitorum *experientur vires*).”

42 Literalmente: “de seu direito”.

43 Cf. *Demerere* segundo Niermeyer (1954-76): “forfaire – to forfeit”.

44 Zaccaria (BRANCA, 1970, p. 536, n. 2) chama atenção para o uso de *arbitrati* com o subjuntivo *videatur*, sem conjunção e no lugar do infinitivo, e remete a uso semelhante na Dedicatória (10) de *De mulieribus claris*. Ainda quanto à passagem, chama nossa atenção o fato de que também em Boccaccio o esperado comportamento silencioso e contido das mulheres, quando em público, esteja associado a suas vestes.

45 Esse comentário de Boccaccio, não encontrado em Valério Máximo, poderia ser interpretado não como a opinião dos triúmviros, mas como a justificativa do próprio autor para biografar Hortênsia: sua eloquência e a qualidade de seu discurso.

valor, que já era mínimo, foi facilmente quitado pelas matronas, não sem a máxima glória de Hortênsia.

4. *Quid dicam vidisse tantum veteris prosapie spiritus in Hortensia afflavisse femina, nisi eam merito nomen Hortensie consecutam?* 4. O que devo dizer sobre ter visto o espírito de tão antiga linhagem manifestar-se⁴⁶ em uma mulher⁴⁷, a não ser que ela alcançou, com [seu próprio] mérito, o nome de Hortênsia?

Referências bibliográficas

Edições de Valério Máximo consultadas

BRISCOE, John. *Valerius Maximus, Facta et dicta memorabilia, Book 8*. Text, Introduction and Commentary. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019.

VALERIO MÁXIMO. *Hechos y Dichos Memorables. Libros I-VI*. Introducción, traducción y notas de Santiago López Moreda, Maria Luisa Harto Trujillo e Joaquín Villalba Álvarez. Biblioteca Clásica Gredos. Madri: Editorial Gredos, 2003a.

VALERIO MÁXIMO. *Hechos y Dichos Memorables. Libros VII-IX. Epitomes*. Introducción, traducción y notas de Santiago López Moreda, Maria Luisa Harto Trujillo e Joaquín Villalba Álvarez. Biblioteca Clásica Gredos. Madri: Editorial Gredos, 2003b.

VALERIUS MAXIMUS. *Memorable Doings and Sayings. Volume II: Books 6-9*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

WARDLE, David. *Valerius Maximus – Memorable Deeds and Sayings. Book 1*. Translated with Introduction and Commentary by D. Wardle. Oxford: Clarendon Press, 1998.

Edições de Giovanni Boccaccio consultadas

BOCCACE. *Les Femmes Illustres (De mulieribus claris)*. Traduit par Jean-Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 2013.

46 *Afflavisse*: de *efflo* ou *afflo* (ou ainda *adflo*), literalmente, “exalar”, “soprar”. Esse uso parece ecoar, ao menos no campo semântico, o verbo *aspiro* utilizado por Valério Máximo [*Q. Hortensius uerbisque filiae aspirauit*; Val. Max. 8, 3, 9-10].

47 Omitimos a repetição do nome de Hortênsia para melhor cadência em português, seguindo Boriaud (BOCCACE, 2013, p. 149): “Que dire em voyant l’esprit d’une aussi ancienne lignée souffler chez une femme, Hortensia, sinon qu’elle méritait bien ce nom d’Hortensia?”.

BOCCACCIO. *Famous Women*. Edited and translated by Virginia Brown. The I Tatti Renaissance Library. Cambridge/Londres: Harvard University Press, 2001.

BRANCA, V. (Ed.). *Tutte le Opere di Giovanni Boccaccio*. Vol. X, *De mulieribus claris*, a cura di Vittorio Zaccaria. Milão: Arnaldo Mondadori Editore, 1970.

BRANCA, V. (Ed.). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Vol. IX, *De casibus virorum illustrium*, a cura di Pier Giorgio Ricci e Vittorio Zaccaria. Milão: Arnaldo Mondadori Editore, 1983.

Bibliografia secundária

AZEVEDO, Katia T. C. de. “*Androgynem* – Quando o discurso público (re)configura a construção do feminino”. In: SANTOS, Elaine C. P. dos; PRADO, João B. T. (Orgs.). *Antigos Estranhos: a alteridade e diversidade no Mundo Clássico*. São Paulo: Liber Ars, 2022, p. 49-58.

BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BLOCH, Howard R. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Tradução de Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CASELLA, Maria Teresa. *Tra Boccaccio e Petrarca: i volgarizzamenti di Tito Livio e di Valerio Massimo*. Padova: Antenore, 1982.

CONRAU-LEWIS, Kyle. “Preaching Ancient History: Valerius Maximus and His Manuscript Reception”. In: MURRAY, Jeffrey; WARDLE, David (Eds.). *Reading by example: Valerius Maximus and the historiography of exempla*. Leiden/Boston: Brill, 2022, p. 316-342.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Translated by J. B. Solodow. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1994.

CONTE, Alberto. “Il *Novellino*, il *Decameron* e il primato della novella: intertestualità e cronologia”. *Filologia e critica*, anno XXXVIII, fasc. I, 2013, p. 33-67.

DIO CASSIUS. *Roman History, Volume V: Books 46-50*. Translated by Earnest Cary, Herbert B. Foster. Loeb Classical Library 82. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1917.

FERRANTE, Elena. *A amiga genial*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

FERRANTE, Elena. *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever*. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

GLARE, Peter G. W. (Ed.) *Oxford Latin Dictionary (OLD)*. Oxford: Clarendon, 1982.

HOLMES, Brooke. *Gender – Antiquity and Its Legacy*. Nova York: I. B. Tauris, 2012.

- HOVEN, R. *Lexique de la prose latine de la Renaissance*. Leiden/Boston: Brill, 2006.
- JULIANI, Talita Janine. *Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Boccaccio*. Tradução Parcial, Estudo Introdutório e Notas. Dissertação – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2011.
- LATHAM, R. E. *Revised Medieval Latin Word-List From British Sources and Irish Sources*. Londres: British Academy, Oxford University Press, 1989 (1ª ed. 1965).
- LIBORIO, Mariantonia. “Introduzione”. In: LORRIS, Guillaume de; MEUN, Jean de. *Romanzo della Rosa*. A cura di Mariantonia Liborio e Silvia De Laude. Traduzione di Mariantonia Liborio. Testo francese antico a fronte. Turim: Giulio Einaudi Editore, 2014, p. VII-XXXV.
- LORRIS, Guillaume de; MEUN, Jean de. *Romanzo della Rosa*. A cura di Mariantonia Liborio e Silvia De Laude. Traduzione di Mariantonia Liborio. Testo francese antico a fronte. Turim: Giulio Einaudi Editore, 2014.
- NIERMEYER, Jan Frederik. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden: E.J. Brill, 1954-1976.
- PICONE, Michelangelo. “La Comedia lidie dallo Zibaldone al Decameron”. In: PICO-NE, Michelangelo; CAZALÉ-BÉRARD, Claude. *Gli Zibaldoni di Boccaccio. Memoria, scrittura, riscrittura*. Atti del Seminario internazionale di Firenze-Certaldo (26-28 aprile 1996). Florença: Franco Cesati Editore, 1998, p. 401-414.
- ROCHA, Carol Martins da. “Sheep and rams: animal imagery and gender characterization in Plautus”. In: VOGT-SPIRA, Gregor; ZIMMERMANN, Bernhard (Eds.). *Plautus Revisited – Problemstellungen und Perspektiven der Plautusforschung*. Göttingen: Verlag Antike, 2024, p. 168-187.
- RUBIN, Gayle. “O tráfico de mulheres – Notas sobre a ‘Economia política’ do sexo”. In: RUBIN, G. *Políticas do sexo*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p. 9-61.
- SCHULTZ, Celia E. *Fulvia – Playing for Power at the End of the Roman Republic*. Women in Antiquity. Nova York: Oxford University Press, 2021.
- STRUBEL, Armand. *Le Roman de la Rose*. Études Littéraires. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

Fontes eletrônicas

Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales: <https://www.cnrtl.fr/>

Lexilogos - Dictionnaire Provençal: https://www.lexilogos.com/provençal_dictionnaire.htm